



CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LINGUÍSTICA

MARICÉLIA DA SILVA ANSELMO

**MONOTONGAÇÃO: UM PROCESSO VARIACIONISTA
NA PRÁTICA ESCOLAR**

Guarabira-PB
2011

Maricélia da Silva Anselmo

**MONOTONGAÇÃO: UM PROCESSO VARIACIONISTA NA
PRÁTICA ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Linguística, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Especialista em Ensino de Língua e Linguística sob a orientação do Prof. Dr. André Pedro da Silva.

Guarabira-PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A538m

Anselmo, Maricélia da Silva

Monotongação: um processo variacionista na prática escolar
/ Maricélia da Silva Anselmo. – Guarabira: UEPB, 2011.

45f. Il. Color.

Monografia (Especialização em Língua e Linguística) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. André Pedro da Silva”.

1. Ditongos 2. Monotongação

3. Variação I.Título.

22.ed. CDD 410

Maricélia da Silva Anselmo

**MONOTONGAÇÃO: UM PROCESSO VARIACIONISTA NA PRÁTICA
ESCOLAR**

Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Especialista em Ensino de Língua e Linguística.

Aprovada em: 25 / 04 /2011.

Membros da Banca Examinadora

André Pedro da Silva

Prof. Dr. André Pedro da Silva – UEPB
(Orientador)

Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa

Prof.^a Dr.^a Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa – UFPB
(1^a Examinadora)

Maria de Fátima de Souza Aquino

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Souza Aquino – UEPB
(2^a Examinadora)

DEDICATÓRIA

A Deus, por mais esta conquista.

A meus pais, que sempre tão presentes, fazem parte de mais uma conquista.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, cuja sabedoria e amor me encaminhou no intuito de tomar o rumo certo para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. André Pedro, que me incentivou bastante para que alcançássemos êxito nesta pesquisa.

Ao corpo docente do Departamento de Letras e Educação da UEPB, Campus III, em especial, àqueles que contribuíram para o meu conhecimento e crescimento pessoal.

Aos colegas de turma, seres humanos maravilhosos, a quem aprendi a amar.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse ao término deste curso através da elaboração deste trabalho monográfico.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de apresentar um estudo sobre o fenômeno da monotongação, recorrente na oralidade, e que provavelmente venha a ocorrer também na escrita, uma vez que a língua escrita tende a pautar-se ou seguir a língua falada. A monotongação constitui-se de um processo fonológico presente no interior da formação silábica, em que ocorre o apagamento da semivogal (glide) do ditongo. Esse processo ocorre com mais evidência nos ditongos decrescente, casos em que o glide ocupa a posição de coda, na estrutura silábica, embora ocorram alguns casos com os ditongos crescentes. Alguns estudos relacionados a esta pesquisa, trazem o aspecto linguístico como determinante desse processo de monotongação, este fenômeno está mais presente na fala, porém iremos encontrar também na escrita, o qual será nosso foco na pesquisa. Nosso estudo se desenvolveu a partir de uma análise de dados coletados, por meio de um ditado de palavras, o qual foi realizado, no âmbito escolar, com alunos do ensino fundamental e médio. O interesse em estudar esse tema surge da necessidade de desenvolver mais pesquisas nessa área, uma vez que constitui um tema importante pelo fato de estar relacionado ao desenvolvimento tanto da oralidade, como da escrita dos alunos e por constituir um fenômeno direcionado aos aspectos sociais, desenvolveremos nosso estudo pautado na pesquisa sociolinguística. Para tanto usou-se como aporte teórico alguns representantes dessa linha de pesquisa, tais como: Bortoni-Ricardo, (2005) e Hora (2004); e como referencial do nosso objeto de estudo: Bisol (2001) e Silva (2001). A partir das colocações desses pesquisadores, realizou-se a investigação, para com isso chegar aos nossos resultados, ou seja, observar se a presença do processo de monotongação ocorre com frequência na escrita dos alunos do ensino regular.

Palavras Chaves: Ditongos, Monotongação e Variação.

ABSTRACT

This work aims to present a study about the phenomenon of monophthongization, that is present in orality, and that will probably occur also in writing, considering that the written language tends to be based on or follow the spoken language. The monophthongization is a phonological process that is present inside the syllabic formation, in which occurs the deletion of the semi-vowel (glide) of the diphthong. This process occurs most evidently in descending diphthongs, where the glide occupies the coda position in syllable structure, although there are some cases with the rising diphthongs. Some studies related to this research, brings the linguistic aspect of this process as a determinant of monophthongization, this phenomenon is more present in the speech, but we find also in writing, which is our focus on research. Our study was developed from the analysis of data collected through a dictation of words, that was held in the school with students from elementary and high school. The interest in studying this subject arises from the need to develop more research in this area, considering that is an important issue because is related to the development of orality , and is related to the development of the writing of the students and provide a social phenomenon. Our study was based on sociolinguistic research. For this purpose, we used some representatives of this theoretical line of research, such as: Bortoni-Ricardo, (2005) and Hora (2004), and as a theoretical support of our object of study: Bisol (2001) and Silva (2001). From the study of these researchers, we carried out an investigation to get to it with our results, to observe if the presence of monophthongization process occurs frequently in the writing of students in regular education.

Key Words: diphthong, Monophthongization y variation.

SUMÁRIO

Página

LISTA DE TABELAS

LISTA DE GÁFICOS

1.INTRODUÇÃO.....	10
2. A MONOTONGAÇÃO UM BREVE HISTÓRICO	14
2.1. Considerações sobre o tema estudado	16
3. A MONOTONGAÇÃO E A VARIAÇÃO DIALETAL	19
4. METODOLOGIA	28
4.1. Método	28
4.2. População	28
4.3. Amostra	28
4.4. Coleta dos dados	30
4.5. Levantamento dos dados	31
5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES	32
5.1. Correlacionando os dados da pesquisa.....	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	44

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

	Página
Tabela 01- Palavras utilizadas na pesquisa	29
Tabela 02- Informantes: Sexo e Faixa Etária	30
Tabela 03- Monotongação no 6º ano do ensino fundamental	32
Tabela 04- Monotongação no 9º ano do ensino fundamental	33
Tabela 05- Monotongação no 3º ano do ensino médio	34
Gráfico 01- Confronto entre sexo e séries em relação ao monotongo	35
Gráfico 02- Palavras monotongadas no sexo masculino	36
Gráfico 03- Palavras monotongadas no sexo feminino	37

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem o propósito de desenvolver uma pesquisa referente a um fenômeno fonético, o processo de monotongação na escrita de alunos do ensino Fundamental II e Médio, tendo como objetivo verificar se há ocorrência dessa variação na escrita dos envolvidos, para a observação do fenômeno tomaremos como base os fatores sociais.

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito escolar, em uma instituição pública, localizada na cidade de Guarabira-Pb. Escolhemos esta escola como nosso campo observatório, por constituir um ambiente bastante diversificado, e assim atender as nossas pretensões de estudo, que se pauta na variação linguística.

Por meio deste levantamento de dados buscaremos identificar os fatores responsáveis, pelo processo de monotongação, observar se a ocorrência das palavras monotongadas, ocorre mais entre meninos ou meninas e posteriormente verificar se esse processo diminui com o avanço das séries.

Por meio da análise do *corpus* levantamos as seguintes hipóteses: O processo de monotongação influencia a escrita dos alunos, tendo como um “reflexo” da fala, esse processo tem como fator determinante o social, e com o aumento da faixa etária e do nível de escolaridade os alunos tendem a aplicar menos a regra.

A língua constitui um objeto de estudo que se encontra em constantes mudanças através dos tempos, sejam elas, de aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e fonológicos, além de ser também um fator social, pois sofre grandes influências externas, pelo seu maior modificador, o indivíduo.

Influenciado por esse aspecto da linguagem, surge a necessidade de então estudar esses fenômenos de mudanças, em conjunto com o sujeito, por constituir um dos principais modificadores da língua e com isso poder traçar os agentes que atuam em conjunto com todo esse processo.

O processo de monotongação tem sido estudado a partir de diversos pontos de vista, podendo ser uma variação fonética ou uma marca linguística e dialetal. No nosso trabalho, iremos desenvolver os dois pontos, pois se faz necessário uma vez que estudar só do ponto de vista fonético, não seria suficiente, pois nossa pesquisa está, sobretudo, ligada ao meio social, ou seja, a escola.

O trabalho será desenvolvido no âmbito escolar, tendo como participantes alunos do ensino fundamental II, do 6º ano, 9º ano e do 3º ano do ensino médio, divididos em 15 participantes do sexo feminino e 15 do sexo masculino, o estudo será desenvolvido na rede pública de ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, localizada na cidade de Guarabira-PB.

Por meio do levantamento de dados, verificaremos a ocorrência do processo de monotongação nas produções escritas dos alunos informantes.

O modelo sociolinguístico defende a ideia de que existe uma forte correlação entre fala e escrita, O local em que esses sujeitos estão inseridos irá determinar seu modo de realizar e desenvolver sua comunicação, tendo como condicionante a carga cultural que todo falante nativo de uma língua possui em seu primeiro contato com a aquisição da linguagem. No processo de monotongação, e visível também a ocorrência dessa possível relação entre a fala e escrita.

Em uma comunidade linguística influenciada por vários fatores socioeconômicos, não podemos pensar em uma língua homogênea, mas em uma heterogeneidade da língua presente nas diversas comunicações dos sujeitos em seu contexto de uso.

Quando passamos a pensar essas variações linguísticas no contexto escolar, verificamos na maioria dos casos, uma falta de conhecimentos por parte de alguns educadores em como lidar com as variações que seus educandos possuem ao chegarem à escola. O não reconhecimento por parte desses professores quanto a essas variantes poderá os levar a constranger seus alunos, o corrigindo de uma forma rígida, impondo uma normatização da

língua tendo como a que deve ser sempre seguida. Ignorando, assim, toda carga cultural presente em cada educando. Dessa forma a escola passa a ser meramente um instrumento de decodificação da língua como bem coloca Geraldi (1985, p. 26) que “a função dos agentes escolares é de reproduzir as formas dialetais dos grupos dominantes”. A partir dessa afirmação é possível constatar que a relação aluno-professor se dá de uma forma muitas vezes autoritária, contribuindo assim para o insucesso escolar. Para se ter um ensino pautado em uma conscientização sociolinguística se faz necessário que todos os membros inseridos nesse processo de ensino/aprendizagem compartilhem de um só pensamento, ou seja, reconhecer a existência de uma língua internalizada nos seus educando.

A esse propósito, BORTONI-RICARDO (2005, p.15) afirma que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem e conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão: outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação.

A partir daí, entendemos que a instituição escolar deve trabalhar reconhecendo a existência dessas variações, presentes na fala, e, por vezes, na escrita de seus educandos.

Por outro lado, reconhecemos que os falantes que fazem uso dessa modalidade coloquial, não podem de forma alguma deixar de conhecer a forma padrão da língua, uma vez que o não reconhecimento dessa modalidade acarretará uma exclusão social.

O ensino de línguas tende a dar mais ênfase ao ensino da gramática tradicional, enfatizando o uso da norma culta, no entanto, esse sistema de ensino acarreta alguns problemas, pois a língua constitui um elemento não

estático, estando em processo contínuo de mudanças, refletido na fala dos sujeitos que faz uso dessa linguagem, enquanto produtores verbais.

Nosso estudo está dividido em quatro capítulos, distribuídos da seguinte maneira:

Inicialmente trataremos do estudo em questão, apresentando um breve histórico, da constituição e evolução dos ditongos.

O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica, mostrando os autores que se ocupam dessa temática.

No terceiro capítulo, constará a metodologia desenvolvida no nosso trabalho mostrando de forma detalhada como se deu o processo de coleta de dados.

No quarto capítulo teremos os resultados, referente ao estudo da monotongação, apontando os principais condicionantes envolvidos.

E para finalizar, teremos as conclusões, as referências bibliográficas e os anexos.

2. A MONOTONGAÇÃO: UM BREVE HISTÓRICO

A língua portuguesa reconhece como ditongo, o encontro vocálico de uma semivogal mais uma vogal em uma mesma sílaba, podendo apresenta-se também da forma inversa. Iremos ter como semivogais o /i/ e o /u/ e suas variações.

Nem todos os vocábulos considerados como ditongo na ortografia portuguesa apresentam o mesmo aspecto quando relacionado à fala. Os exemplos como: *caixa*, *ouro* e *cadeira*, são colocados como sendo parte da mesma natureza quanto aos exemplos, *leite* e *reitor*.

No entanto é possível verificar que nos primeiros exemplos pode ocorrer o apagamento das semivogais, enquanto que nos últimos exemplos isso não ocorre. Podemos encontrar também alguns exemplos de formação de ditongo na oralidade como é o caso dos exemplos: nós, vós, arroz entres outros e a gramática normativa desconsidera todos, pois ela visa apenas à escrita, e desconsidera a oralidade, ficando dessa forma questionável os seus pressupostos teóricos.

A esses questionamentos referidos à gramática observa Bagno (2001, p. 60-61):

É assim que procedem, por exemplo, Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante em sua Gramática da Língua Portuguesa, publicada no final de 1997. Por isso a gente não deve se surpreender quando esses autores explicam que a letra x representa o fonema /š/ depois de um ditongo, e dão como exemplo de palavras “com ditongo”: *ameixa*, *caixa*, *peixe*, *eixo*, *frouxo*, *trouxa*, *baixo*, sem fazer a menor menção ao fenômeno de monotongação que já atingiu essas palavras na língua falada no Brasil, inclusive em sua norma culta urbana, resultando nas pronúncias “**amexa**”, “**caxa**”, “**pexe**”, “**exo**”, “**frôxo**”, e “**baxo**”. O termo ditongo (“dois sons”), que se aplica a um fenômeno fonético, não cabe nesses exemplos, que retratam simplesmente a convenção ortográfica que ainda conserva, na escrita, as duas letras vogais antes do x. O que acontece é que esses “monotongos” podem vir a se ditongar em situações bem específicas, tal como a redução da velocidade da fala com finalidade de dar ênfase ao enunciado. Pensemos, por exemplo, no uso das palavras ***louco*** e ***loucura*** quando usadas de modo afetado para indicar coisas surpreendentes ou muito boas: “Foi uma ***louuuuura!***”.

Os mesmos autores dizem que na palavra **Qual** existe um “ditongo crescente”, quando qualquer brasileiro de ouvido mais afinado vai reconhecer aí, na verdade, um tritongo. É muita, restrita no português do Brasil, a pronúncia [i] ou [i̯] (*sic*) para o /l/ que aparece em final de sílaba. Na grande maioria dos falares brasileiros, esse /l/ se pronúncia como semivogal [w] (*sic*). É o preconceito grafocêntrico, isto é, a análise de toda a língua do ponto de vista restrito da escrita, que impede o recolhimento da verdadeira realidade linguística. Por isso, temos de desconfiar desses livros que se autodenominam “Gramáticas da língua portuguesa” sem especificar seu objeto de estudo. A “língua portuguesa” que eles abordam é uma variedade específica, dentre as muitas existentes, que tem de ser designada com todos os seus qualificativos: “Gramática da língua portuguesa escrita, literária, formal, antiga. Todos os demais fenômenos vivos da língua falada e de outras modalidades da língua escrita são deixados de fora desses livros.

É verificável por meio do apagamento das semivogais, o fenômeno da monotongação, fato como foi referido pelo autor, desconsiderado pelas gramáticas e isso é não aceitável, pois não podemos estudar a gramática apenas do modo estrutural e sim analisar sobre o ponto de vista funcional, o que se considera mais relevante para o usuário da mesma.

A ortografia gramatical estabeleceu como regra que todo ditongo se forma a partir de uma vogal seguida de uma semivogal. Porém como explicar os casos em que há queda da semivogal? Para tal fenômeno Bisol (1989), os considera como ditongos falsos, pois nesses casos iremos ter um monotongo e não mais ditongo.

Essas mudanças que ocorrem em qualquer língua ao longo dos anos tem sido estudo de muitos linguistas. No português como já foi mostrado há uma tendência ao apagamento das semivogais em ditongos orais. Isso tudo pressupõem ao que conhecemos como variação linguística.

Fatores sociais estão intimamente relacionados às variações encontradas na língua, podendo ser de natureza regional, nível instrucional, entre outros. Para desenvolver nosso trabalho levaremos em consideração tais fatores, pois em um país como o nosso, tão heterogêneo, fica inviável analisar qualquer fato relacionado à língua deixando de considerar esses aspectos.

Os manuais gramaticais normativos, desde algum tempo, vem considerando como ditongos decrescentes orais, presentes na modalidade escrita os exemplos: *caixa*, *ameixa*, *feira*, enquanto que, na modalidade oral, está ocorrendo o apagamento dessas semivogais e mesmo assim as teorias gramáticas, que privilegiam a escrita, insistem que devemos pronunciar esses ditongos. Como se percebe, as gramáticas dão mais importância à escrita, desconsiderando a modalidade oral. Dessa forma, não podemos esperar que os nossos manuais de regra tenham essa modalidade presente em seus compêndios.

E não é de hoje que tal fenômeno ocorre, há muito tempo que escrevemos uma coisa e pronunciamos outra. Isso, no entanto, não está presente somente na modalidade não padrão da língua, mas também na modalidade padrão.

Essas modificações que ocorrem na língua no decorrer dos anos têm como condicionantes vários processos, entre eles podemos citar o caso de assimilação, ou seja, dois sons diferentes, mais que possuam algum parentesco e isso os levem a tornarem iguais. Como se percebe, a língua constitui um fenômeno que está em constantes transformações, o que requer de nós usuários uma adaptação fazendo as adequações necessárias.

2.1 Considerações sobre o tema estudado.

Antes de começar a descrever nosso objeto de estudo, se faz necessário conhecer como ocorre a formação de uma sílaba, já que esse processo tem sua ocorrência no interior da formação silábica.

Temos como uma das noções linguísticas, os constituintes, que segundo Bisol (2001, p. 229), é uma unidade lingüística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado. Uma sílaba é formada pelos seguintes constituintes: um *ataque* (ou *onset*), um *núcleo* (ou *pico*) e uma *coda*. O *onset* e a *coda* são

facultativos, enquanto que o *núcleo* constitui elemento obrigatório na formação da sílaba.

Os ditongos podem ser classificados como crescente e decrescente o que irá determinar essa classificação é a posição que a semivogal ocupará na sílaba. Se ocupar a posição anterior à vogal, iremos ter o que conhecemos por ditongo crescente; porém, ocupando a posição posterior à vogal, teremos então o ditongo decrescente. A monotongação sendo o nosso objeto de estudo, constitui na supressão do *glide* nos ditongos, tornando-os vogais simples.

Tomemos o exemplo da palavra *caixa*, aqui identificamos um encontro vocálico, com a presença de uma vogal aberta, a qual assume a posição de núcleo, seguida posteriormente de um *glide*, que tem a função de *coda*. Nesse caso ocorre o que conhecemos por ditongo decrescente, os quais são os mais favoráveis à ocorrência de monotongação.

Nos registros gramaticais, temos a existência de ditongos decrescentes, divididos em orais e nasais e os ditongos crescentes com a mesma subdivisão, nosso estudo se deterá aos ditongos decrescentes orais, em virtude de estudos anteriores mostrarem que esses ditongos apresentam mais chance de ocorrer redução.

A ocorrência da monotongação nos ditongos decrescente pode ter como uma explicação a sonoridade, como bem afirma, Collischonn (2001, p. 101):

Correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Em primeiro lugar, o elemento sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba ao passo que os elementos menos sonoros ocuparão as margens (ataque e coda).

Dessa forma, fica claro por que na fala, há uma tendência de a última sílaba cair. Nos ditongos decrescentes, o glide ocupa essa posição final do segmento vocálico, e por não apresentar proeminência acentual tende a ser apagado, por isso os ditongos decrescentes apresentam mais variação.

No processo de monotongação, temos que levar em consideração as variantes sociais e as variantes linguísticas, pois, segundo Cagliari (2002, p. 115):

Por causa da realidade da variação linguística, o trabalho de análise fonológica torna-se relativamente complexo. Sem um controle sobre o problema da variação, a interpretação fonológica pode perder muito de seu valor e interesse, podendo mesmo gerar interpretações equivocadas, incompletas ou falsas.

O autor considera de suma importância um controle dessas variantes, pois estamos lidando com uma comunidade linguística, representada por um grande número de falantes, com características diversas. Dessa forma, temos que escolher um grupo que represente os demais, não podendo ser grande demais, nem muito inferior, pois a escolha inadequada influenciará os resultados, podendo ser considerados insatisfatórios. Levaremos, então, em consideração, o controle dessas variantes, já que trabalharemos com um número de alunos de diferentes níveis sociais e culturais.

Estudos acerca deste fenômeno, a monotongação, mostram que a sua ocorrência, é mais acentuada nos falantes que tiveram pouco contato com a modalidade escrita, ou seja, não tiveram um desenvolvimento escolar satisfatório.

3. A MONOTONGAÇÃO E A VARIAÇÃO DIALETAL.

A variação é um fenômeno que vem sendo base de vários estudos para se compreender a evolução da língua, desde o latim, até os dias atuais. Esse processo variacionista constitui o principal motivador da evolução da linguagem, tendo como principal influenciador o falante usuário dessa língua.

Lidar com diversas formas de falar é uma das maiores dificuldades vivenciada na sociedade comunicativa. Essas formas que não correspondem a uma norma padrão, na maioria das vezes, não são aceitas, tendo em vista que elas são consideradas inadequadas ao uso. Dessa forma, adquirem uma postura preconceituosa e a sua não validação, em diversos contextos de uso.

No contexto escolar inicial se faz necessário dá mais atenção às variantes dialetais dos alunos, uma vez que constituem seus conhecimentos internalizados, isto é, aqueles que foram adquiridos na família, na comunidade em que convivem, pois caso sejam repreendidos quanto a sua forma de falar, poderá acarretar sérios problemas, como os deixar inibidos para se expressar.

Nas instituições educacionais, o ensino de língua portuguesa está arraigado ao ensino da escrita, deixando de analisar aspectos importantes da oralidade. Faz-se necessário um estudo pautado tanto na escrita como na oralidade, pois dessa forma o educador poderá mostrar aos seus alunos, que modalidade deve ser utilizada, dependendo do contexto comunicacional em que estiver inserido. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 38):

[...] uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Na prática, contudo, esse comportamento é ainda problemático para os professores [...].

Diante dessas considerações, fica evidente que alguns professores ainda não são conscientes de como trabalhar a língua materna em sala de aula. Partindo desse pressuposto, fica evidente que a língua apresenta uma

enorme variação a qual deve ser levada em consideração, porque faz parte do repertório linguístico de cada discente.

A partir do momento em que o professor privilegia uma linha normativa, certamente, está favorecendo uma classe detentora do conhecimento linguístico dialetal e desfavorecendo a grande maioria que faz uso da “variante não padrão”. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 15):

[...] o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna- do lar e da vizinhança- variedades populares da língua tem pelo menos duas conseqüências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e lingüísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele o sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão.

Sabemos que a forma não padrão da língua, embora seja considerada inadequada, atende a todos os aspectos que tange à comunicação, à funcionalidade, sendo possível a interação mesmo que essa modalidade não atenda à gramática ensinada pelas escolas.

Nota-se, uma extrema necessidade de conscientização dos educadores e falantes nativos a cerca de uma maneira pedagógica alinhada ao perfil dos falantes, compartilhando suas experiências para aceitação das variedades que cada um possui. Para tanto, Geraldi (2002, p.44) afirma que:

Cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc.

É imprescindível aos professores saber distinguir entre “erros” de fala no ato de comunicação e supostos “erros” provindos da variação dialetal, pois, todos os alunos comportam uma carga sócio-comunicativa bastante

diversificada, à medida que a escola é a instituição de ensino a qual comporta essa enorme diversidade dialetal.

Nas comunicações orais, podemos encontrar possíveis construções, as quais possam fugir a uma norma padrão, mas que mesmo assim não interferem na comunicação, pois são construções coerentes para os falantes inseridos. Tendo em vista que é na interação comunicativa que se constitui a modalidade verbal, a qual apresenta varias modificações, não podendo dessa forma ignorá-la. Bortoni-Ricardo (2004, p. 72) afirma que:

“Todo falante nativo de português, independentemente de sua posição no contínuo de urbanização e independentemente também do grau de monitoração estilística na produção de uma tarefa comunicativa, produz sentenças bem formadas, que estão de acordo com as regras do sistema da língua que esse falante internalizou.

A partir das considerações acima levantadas, podemos perceber que a competência linguística está relacionada à capacidade que o falante tem em utilizar a língua como meio de comunicação, obedecendo às regras de concordância. Porém, não podemos confundir “erros” com competência linguística, uma vez que uma sentença mal elaborada possui aspectos, que fogem a toda regra linguística, ou seja, não seguem uma sequência lógica.

Podemos constatar da seguinte forma: *as alunas comprou elas com ajuda*. Vejamos que nesta construção não se percebe uma sequência lógica, portanto, analisamos que realmente constata-se uma construção mal formulada. Em contrapartida, se observarmos a seguinte sequência: *minha tia falou da festa pra minha mãe*. Verifica-se, neste caso, que é uma sentença que nos possibilita um entendimento dialógico. Logo, nessa frase constatamos que há uma competência linguística, independentemente dos erros ortográficos.

O processo estudado aqui está intimamente relacionado à variação, por constitui também uma variação dialetal, dessa forma não pode separar ambos, pois fazem parte de um mesmo contexto. Como a nossa pesquisa foi desenvolvida no âmbito escolar, faz-se mais necessário conhecer e estudar

essas variações dialetais para assim poder compreender melhor a carga cultural de nossos educando.

O reconhecimento das variantes linguísticas dos alunos por parte dos educadores é de suma importância, para que se possa transmitir de forma mais consciente a norma “padrão” tão exigida pela sociedade e obter um desenvolvimento escolar satisfatório. A partir desse contexto qual seria o verdadeiro papel da escola no que tange o ensino da língua padrão, uma vez que constitui apenas uma codificação da escrita? A esse propósito, Bortoni-Ricardo (2005, p.16) observa que:

A nossa escola absorveu essa ideologia e não é raro que professores elejam estruturas da linguagem coloquial, de uso generalizado, no presente ou em estágios pretéritos da língua, e as combatam com veemência, o que às vezes implica distorções nas prioridades pedagógicas do ensino da língua pátria e suas manifestações literárias. A escola brasileira ocupa-se mais em reprimir do que incentivar o emprego criativo e competente do português.

Essas considerações são bem significantes ao ensino da língua, em virtude da realidade educacional que vivenciamos atualmente, em que as escolas mantêm um rígido ensino voltado para o dialeto padrão, deixando de lado aspectos importantes da funcionalidade.

Na escola, os educandos, principalmente das séries iniciais, acreditam que exista uma relação entre a fala e a escrita, pois, segundo Fávero (2007 p. 10-11):

A motivação para que essa modalidade seja trabalhada na escola com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega a escola e domina em sua essência, a gramática da língua. Por outro lado, a fala influencia sobremaneira a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente no que se refere à representação gráfica dos sons.

Mesmo a escrita tenha surgido tardiamente na sociedade, devido à forte presença da modalidade oral, ela hoje envolve quase todas as práticas sociais em que conseguiu penetrar (MARCUSCHI, 2008).

A oralidade hoje é vista como uma referência comunicacional, a qual se manifesta em diversos gêneros textuais, formalmente e informalmente. A importância da escrita causou uma série de mudanças, o que provocou uma necessidade maior de alfabetização em massa. Porém não basta apenas o indivíduo ter esse domínio da escrita, o mais relevante desse processo é o uso que cada pessoa faz dessa modalidade nos diversos contextos sociais. Pois, de acordo com Marcuschi (2008, p. 16):

Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramento e oralidade será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores da nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina toda a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos dela.

Atualmente a escrita tem se encontrado em um patamar altíssimo na sociedade. O ato de escrever bem de acordo com as normas pré-estabelecidas constitui um referencial de poder social em que para ter ascensão e preciso ter o domínio dessa modalidade.

A modalidade escrita representa para o indivíduo um bem indispensável, para sua convivência em sociedade. Ao pensarmos na forma de aquisição de ambas as modalidades, fala e escrita percebemos que as duas ocorrem de formas diferentes. A fala é adquirida espontaneamente no dia-a-dia, nas interações comunicativas, enquanto que a escrita ocorre de forma institucionalizada, nas escolas.

Não é possível pensar em uma distinção entre fala e escrita, o que se pode verificar são diferenças estruturais, as quais alguns estudiosos apontam quanto a sua forma de aquisição, produção, transmissão e recepção e, sobretudo, nos meios que, muitas vezes, a torna inadequada, por ser construída de forma espontânea, nem sempre atende as normas existentes na escrita. Porém, essa liberdade de criação a torna mais ampla, com mais possibilidades e criatividade.

A escrita por ser bem estruturada é considerada a ideal, a qual deve ser tomada como parâmetro para ser seguido. A fala possui características próprias, embora ocorra de forma espontânea, dar-se através da interação com interlocutores, que organizam sua fala em cada momento de comunicação. Segundo Koch (2000, p. 63):

Se no texto escrito temos um tempo para planejar e fazer revisões e correções, no texto falado planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação, ele é o seu próprio rascunho.

Analisando a linguagem como forma de monitoração estilística, sob o ponto de vista língua/escrita, existe uma variação no processo de produção. Na escrita, os sujeitos sociais têm uma preocupação mais notável no que abrange a forma de letramento.

No entanto, os eventos de letramento propostos pela escola não consideram nenhuma manifestação que está relacionada às particularidades existentes nessas devidas comunidades de fala. Porém, na linguagem oral, o processo é totalmente inverso, ou seja, há uma menor preocupação na produção de falas em contextos específicos de produção entre os pares sociais.

Se a escrita constitui um processo, a fala será a realização, devido a sua dinamicidade, coisa que não se pode ter na escrita a qual é constituída de forma estática. No entanto, sabemos o quanto a escrita tem representado atualmente, um fator determinante de ascensão social para o usuário dessa modalidade.

A sociolinguística vem desde as últimas décadas exercendo um papel essencial à diversidade de fala, inserida no próprio processo de ensino/aprendizagem dos educandos. Isso demonstra que a escola não deve fazer nenhuma restrição às diferenças sociolinguísticas dos educandos.

Mas essa não é uma tarefa muito fácil, como bem expõe Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) “a escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante: tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”.

É observável que a escola é um espaço muito estratificado, porque a diversidade dos alunos é bastante acentuada, já que há uma enorme variação em relação aos valores étnicos, sociais, econômicos, culturais e regionais.

Por isso, para rompermos de modo definitivo com essa imposição linguística estipulada pela escola, é necessário que todos os membros inclusos nesse ambiente de ensino-aprendizagem da língua materna compartilhem do mesmo propósito defendido pela sociolinguística, ou seja, conhecer e respeitar as variações dialetais dos alunos.

Contudo, as diversas formas de peculiaridades linguístico-culturais dos alunos têm que ser levadas em consideração pela instituição escolar. Por outro lado, os alunos que praticam essa variação não podem ser banidos, em hipótese alguma, do saber e/ou conhecimento padrão da língua, para não tornarem-se excluídos pela sociedade da qual fazem parte, apesar de que a padronização da língua sempre esteve presente em nossa sociedade, a essa colocação assevera Bortoni-Ricardo (2005, p. 14-15) que:

Ela está na base de todo o estado moderno, independentemente de regime político, na formação do seu aparato institucional burocrático, bem como no desenvolvimento do acervo tecnológico e científico.

A linguagem em si tem um valor ideológico e representativo muito forte presente em nossa cultura, pois, como se sabe, ela é uma ferramenta que possibilita aos usuários que a utiliza um meio de aquisição sócio-comunicativa, proporcionando-lhes um meio mais acessível à cultura dominante, a qual todo o prestígio da língua culta é referendada, pois segundo Gnerre (1998, p. 6):

Uma variedade linguística “vale” o que “valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo de poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.

E ainda afirma Gnerre (1998, p. 6) que:

A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um ‘corpus’ definidos de valores, fixados na tradição escrita.

A esse respeito, sabe-se que a escola, como parte integrante da sociedade, comporta uma gama enorme de características específicas por parte de cada sujeito envolvido no ensino de língua materna. Ou seja, cada aluno tem uma diversidade social, cultural, econômica e, principalmente, a questão da variação dialetal.

O grande problema encontrado em sala de aula é justamente essa diversidade dialetal representada na fala dos discentes. E, em muitos casos, os professores não sabem agir diante dessa variação linguística. Logo, a diferenciação relacionada à fala dos alunos e a variedade linguística denominada de “normativa”, tornam-se evidente em sala de aula, pois esta é um produto sócio impositivo que tende a não considerar as demais variedades verificadas no contexto de ensino da linguagem.

De acordo com Soares (2005, p. 31) todos os sujeitos sociais carregam dentro de si “um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos muitos diferentes”.

Essa afirmação deixa claro o quanto o indivíduo é heterogêneo, e por isso a necessidade de respeitar e trabalhar essas diversidades individualmente seja na escola ou no convívio social. Na escola, por sua vez, surge um ponto de discussão, quanto ao certo e o errado, o que deve corrigir e como melhor trabalhar toda essa diversidade cultural.

Portanto, o que vai ser exigido dos alunos será uma adequação das habilidades cognitivas impostas pelo sistema educacional e, também as

competências sociais como forma de inclusão ou exclusão do processo de ensino/aprendizagem da língua materna. Os usufrutos desses mecanismos podem contribuir de maneira incisiva no sucesso escolar que porventura os discentes irão adquirir ao longo do processo de aquisição da língua padrão.

4. METODOLOGIA

O método dessa pesquisa se pauta em um campo observatório, a escola, tendo como estudo os alunos, ou melhor, dizendo a escrita desses alunos, com o objetivo de verificar a possível ocorrência do processo de monotongação na escrita dos mesmos.

4.1 População

A população dessa pesquisa é bastante diversificada, pois teve como participantes alunos não só da cidade de Guarabira, mas também de cidades circunvizinhas, uma vez que representa uma unidade mais desenvolvida e com escolas que oferecem todas as modalidades de ensino: infantil, fundamental e médio. Como se pode observar, levando-se em consideração este aspecto, os nossos dados possuem uma ampla diversidade cultural, o que favorece a nossa pesquisa.

4.2 Amostra

Este trabalho tem por finalidade observar o processo de monotongação no 6º e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio, tendo como preocupação analisar a escrita dos alunos envolvidos na pesquisa. Para tanto, utilizaremos de uma linguagem informal, fazendo uso de um treino ortográfico constituído de 20 (vinte) palavras, como também frases constituídas pelas mesmas palavras presentes no ditado. Segue abaixo as palavras utilizadas:

Tabela I - Palavras utilizadas na pesquisa.

Caixa	Carneiro
Ameixa	Couro
Feira	Touro
Pronúncia	Faixa
Pouco	Louco
Queijo	Baixas
Ouro	Colégio
Peixe	Besouro
Anúncio	Lavoura
Dinheiro	Trouxeram

Dentre as palavras utilizadas temos: pronúncia, anúncio e colégio que embora não tenha o mesmo grau de percepção das outras, ou seja, não estão dentro do grupo de ditongos enfatizados na pesquisa, as utilizamos porque elas podem assumir na pronúncia formas estigmatizadas, por isso o interesse em observar seu grau de variabilidade na escrita.

O processo de amostragem foi subdividido quanto ao sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Sexo:

Feminino: 45 informantes;

Masculino: 45 informantes.

Faixa etária:

11 a 13 anos: 30 informantes;

14 a 15 anos: 30 informantes;

16 a 18 anos: 30 informantes.

Nível de escolaridade:

6° ano: 30 informantes;

9° ano: 30 informantes;

3° ano do ensino médio: 30 informantes

4.3 Coleta dos dados

A pesquisa foi realizada com os alunos escolhidos, na escola da rede pública estadual Professor José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira-PB, tendo como objetivo investigar, por meio da utilização de um ditado de palavras e construções de frases, se na escrita desses alunos ocorre o processo de monotongação, ou seja, a supressão da semivogal nos ditongos.

Nesta escola, observamos a escrita de 90 alunos, assim distribuídos: 30 alunos, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, correspondendo ao 6° ano. Em relação ao 9° ano, trabalharemos na equivalência também de 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino e no 3° ano do ensino médio, a mesma distribuição dos anos anteriormente citados.

Na tabela II, podemos evidenciar, de modo bastante claro, a relação de alunos/alunas e a idade relativa observada nos respectivos anos do ensino fundamental II e ensino médio em questão:

Tabela II – Informantes: sexo e idade

Escolaridade	Sexo Masculino	Sexo feminino	Idade Relativa
6° ano	15	15	11/13 anos
9° ano	15	15	14/15 anos
3° ano	15	15	16/18 anos

A coleta dos dados foi realizada com a permissão do diretor, no horário de funcionamento da escola no período diurno.

Em seguida, oralmente, ditamos as palavras ditongadas para os alunos, os quais escreveram as mesmas separadamente e contextualizadas.

O ditado foi aplicado em três turmas e os informantes foram escolhidos levando em consideração a faixa etária, para que pudéssemos observar se a variante idade em consonância com a escolaridade contribui para a ocorrência ou não da monotongação.

1. Levantamento dos Dados

O levantamento dos dados foi realizado através da correção das palavras escritas pelos alunos, observando as ocorrências do processo de monotongação, assunto em pauta.

5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES

Os resultados alcançados nesse estudo serão evidenciados e mostrados por meio de tabelas, seguindo de uma discussão sobre os dados obtidos, analisando as variáveis linguísticas controladas, as quais contribuem para a ocorrência do processo em análise.

O resultado do levantamento revelou 225 casos de palavras monotongadas, isso dividido entre as palavras escritas separadamente e contextualizadas.

O estudo da monotongação na escrita dos alunos na cidade de Guarabira-PB comprovou que a ocorrência dos casos prevalece nas séries iniciais, como podemos comprovar na tabela abaixo:

Tabela III - Monotongação no 6º Ano do Ensino Fundamental

Monotongação - 6º Ano – Fundamental				
	Masc.		Fem.	
	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
Palavras	62/300	21	16/300	5
Frases	98/300	33	26/300	9

De acordo com a tabela III, podemos observar que o processo de monotongação na turma do 6º Ano ocorre mais fortemente entre os meninos, e, em uma menor ocorrência entre as meninas.

A esse aspecto, Labov, (1981) considera que um sexo não tende a ser mais inovador do que o outro, no entanto, isso tudo tende a levar em consideração as variantes estudadas, uma vez que pode ser mais conhecida pelo grupo de um determinado sexo, temos também que observar o perfil da comunidade, na qual os participantes estão inseridos.

Nessa mesma visualização, identificamos que o referido processo se dá em menor número com as palavras isoladas, com os alunos do sexto ano isso ocorre devido a uma maior preocupação do sujeito na escrita destas palavras em situações isoladas, já que o sujeito, ao escrever um ditado de palavras, está mais atento e concentrado naquelas palavras. Já onde a escrita destas mesmas palavras se dá em um contexto de uso em que o sujeito requeira articulá-la com outras palavras, a escrita fica menos compromissada e, assim, ocorrendo com mais frequência a monotongação.

Tabela IV- Monotongação no 9º Ano do Ensino Fundamental

Monotongação - 9º Ano – Fundamental				
	Masc.		Fem.	
	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
Palavras	8/300	3	0/300	0
Frases	7/300	2	2/300	3

Como é possível observar, no 9º Ano a ocorrência de palavras monotongadas é bem inferior em relação ao 6º Ano, prevalecendo à queda do glide em palavras contextualizadas. Em relação ao sexo feminino, o número de redução foi pouco significativo, ocorrendo apenas alguns casos em palavras contextualizadas, e nenhum em palavras isoladas. Sobre essa questão Paiva (1992, p. 17) lembra que:

Quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Quando, ao contrário, se trata da implementação de uma forma desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a ponta do processo de mudança.

Conforme observa Paiva, quando se trata de variações linguísticas, as mulheres vão sempre variar menos do que os homens. Isso leva a constatar

que o sexo feminino tende a absorver mais os valores sociais que condicionam o uso da língua culta.

Tabela V - Monotongação no 3º Ano do Ensino Médio

Monotongação - 3º Ano – Médio				
	Masc.		Fem.	
	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
Palavras	2/300	0,7	1/300	0,3
Frases	3/300	1	0/300	0

De acordo com a Tabela V, constatamos que ocorre com menor frequência o apagamento da semivogal, prevalecendo, como nos anos anteriores, a ocorrência maior entre meninos. Mantem-se os casos em palavras contextualizadas entre o sexo masculino, e a não ocorrência do sexo feminino em palavras contextualizadas. Porém, como foi muito pequena essa diferença, não levamos em consideração, prevalecendo o que foi apontado anteriormente que o apagamento do glide tende a ocorrer mais com palavras contextualizadas.

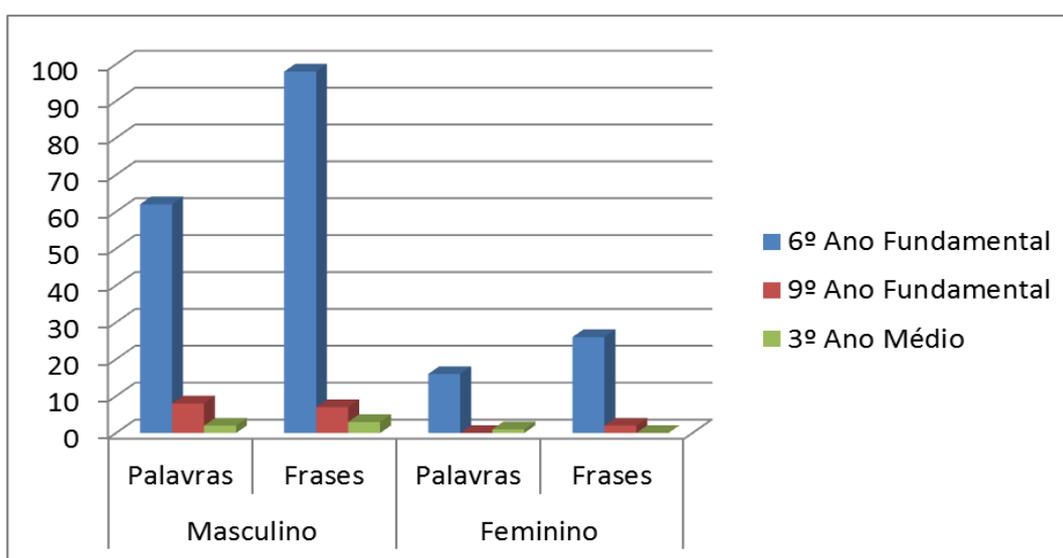
1. Correlacionando os Dados da Pesquisa

Para uma melhor discussão dos dados obtidos, sentimos a necessidade de fazer um estudo comparativo, analisando os casos ocorridos nas séries estudadas, observando a influência das variáveis controladas.

Uma das variáveis controladas em nossa pesquisa foi a Faixa Etária isso em consonância com a Escolaridade, o que foi de relevância para constatar a hipótese levantada de que com o avançar da idade e conseqüentemente da escolaridade, a ocorrência do apagamento da semivogal diminui consideravelmente. Isso decorre do contato maior dos alunos com a

modalidade culta, o que, por sua vez, influência na redução de variantes linguísticas.

Gráfico I – Confronto entre sexo e séries em relação à Monotongação



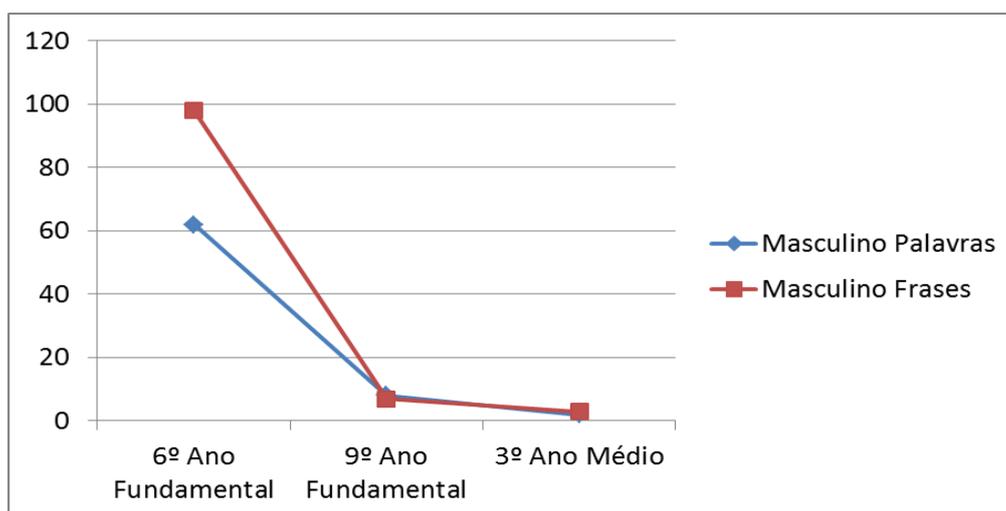
Como se pode ler no gráfico, a escolaridade faz toda a diferença, quanto ao número de casos de monotongação encontrados na escrita dos alunos.

Fica evidente a ocorrência de um número considerável de casos de apagamento da semivogal, principalmente no 6º Ano e diminuindo gradativamente nas séries seguintes, tendo maior ocorrência entre as frases. Isso decorre, como já foi elencado anteriormente, do fato de quando se tem um número maior de palavras para fazer junção normalmente o aluno tende a prestar menos atenção no momento da escrita, o que só vem a corroborar o favorecimento da variação.

Podemos constatar em mais uma observação ao gráfico I que a escolaridade influenciou muito a ocorrência do apagamento da semivogal. Isso vem a comprovar o que esclarece a literatura a respeito da influência que a escola exerce sobre os falantes, ou seja, aqueles que têm um contato maior

com a norma padrão tende a absorver mais e assim aplicarem menos a regra da monotongação (BORTONI-RICARDO, 2004).

Gráfico II - Palavras Monotongadas no Sexo Masculino



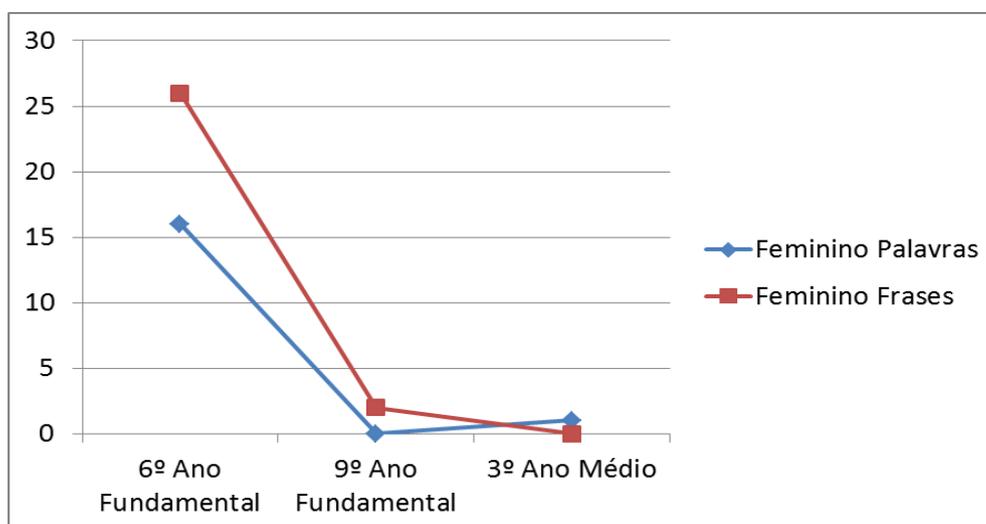
De acordo com o gráfico acima, podemos observar que o número de palavras monotongadas prevalece nas frases em todas as séries estudadas. O que vem a comprovar o que havíamos afirmando antes, de que o número de ocorrências tende a permanecer em palavras contextualizadas.

Quanto à variável Sexo, observamos que a ocorrência de palavras monotongadas se dá com mais frequência entre os informantes do sexo masculino do que com os do sexo feminino.

Quanto a essa questão, existem controvérsias entre autores, já que, para (LABOV, 1981), isso depende da variável estudada, sendo assim mais conhecida por um grupo e menos por outro. Enquanto que Paiva (2003) considera que o sexo feminino tende a absorver mais a variável padrão, prestigiada. E o sexo masculino tende a liderar as formas variadas, sem prestígio.

No gráfico a seguir observaremos os casos de ocorrência da monotongação no sexo feminino.

Gráfico III - Palavras monotongadas no sexo feminino



De acordo com o gráfico acima, no sexo feminino, os casos de palavras monotongadas ocorreram em maior número entre as frases, igualmente as ocorrências do sexo masculino.

Quanto à escolaridade, obtivemos resultados semelhantes, aos do sexo masculino, porém com um número menor de casos. Como é possível constatar, à medida que se aumenta as séries, o número de ocorrência reduz bastante, chegando a pouquíssimos casos, como podemos observar no 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio.

Trabalhos realizados por Bisol (1994) e Paiva (1996), trazem resultados parecidos com o nosso, apontando que quanto maior o nível de escolarização dos falantes, menor ocorrerá à redução dos ditongos.

O fenômeno da monotongação se mostrou bastante forte em todos ambientes da língua, pois podemos verificar sua ocorrência tanto na escola como em outros ambientes comunicacionais. Devemos também considerar que a linguagem oral está diretamente relacionada à escrita, ou seja, os casos de monotongação encontrados nas suas produções revelam na sua maioria a forma de como pronunciam tais vocábulos.

Existe um grande número de trabalhos referente ao estudo em pauta, voltados para a oralidade. Temos o trabalho realizado por Silva (1997), realizado na cidade de João pessoa, sua análise foi referente ao apagamento dos ditongos na fala, o *corpus* de seu trabalho compõe o projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), que constatou a ocorrência de muitos casos de monotongação na oralidade, em ditongos decrescentes, isso leva a crer que exista uma forte relação entre a oralidade e a escrita uma vez que, nosso estudo encontrou uma grande ocorrência também na escrita com esses ditongos, sobretudo presente no início da escolaridade.

Dentre os ditongos analisados, ai, ei e ou verificamos que o apagamento da semivogal prevaleceu nos ditongos /ow/, como nos exemplos: lavoura (lavora), besouro (besoro), ouro (oro), trouxe (troxe). Essa forte tendência a redução do ditongo /ow/ pela vogal simples /o/ é justificada por Simões (2006), p.69), quando esta afirma que a ocorrência se dá pela assimilação perfeita entre a vogal posterior média fechada [o] e a semivogal posterior [w], predominando assim a primeira. Para Bisol (1989, p. 214), o processo de monotongação do ditongo [ow] é uma mudança em progresso que se encontra em avançado estágio. O trabalho realizado por Silva (1997), também constatou em seus resultados que o apagamento do ditongo /ow/ prevalece em relação aos ditongos /aj/ e /ej/.

Para o ditongo /aj/, foram encontrados alguns casos, como: faixa (faxe), ameixa (ameixa), feira (feira), embora apareça com menor frequência, à ocorrência se dar de acordo com Bisol (1989), por serem ditongos leves e propensos a monotongação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tomamos como objeto de investigação o processo de monotongação nas produções escritas de alunos do ensino fundamental e médio.

Os resultados obtidos nos comprovaram que esse fenômeno estudado, tem uma grande ocorrência na escrita. É sabido que os trabalhos desenvolvidos nessa área de estudo são voltados, sobretudo para a oralidade, porém nossa pesquisa evidenciou bem que a redução do ditongo também prevalece na escrita.

Constatamos também que o apagamento do ditongo /ow/ foi mais evidenciado em relação aos outros, devido ao fato de haver uma assimilação vocálica, apontado por Simões (2006) como uma assimilação perfeita entre a vogal média e a semivogal posterior.

Foi possível observar também que quanto mais os falantes têm contato com a modalidade culta, menos aplicaram a regra.

A variável *idade* constituiu fator importante na nossa pesquisa, uma vez que, foi possível verificar que o assunto estudado não é algo estável, mas, algo que se modifica, com o avançar da idade, dos 225 casos encontrados de apagamento da semivogal, 202 ocorreram com os informantes que apresentavam idade de 12 a 13 anos e com os informantes entre 14 e 18 anos foram encontrados apenas 23 casos.

A variável *sexo* também constitui fator importante em pesquisas relacionadas às variações linguísticas, pois sabemos que homens e mulheres desempenham papéis diferenciados na sociedade, estando ambos expostos a situações comunicativas diferenciadas, o que, por sua vez, influenciará sua forma de falar. Na nossa pesquisa os homens aplicaram mais a regra da monotongação, das 225 ocorrências, 180 foi produzida pelo sexo masculino e 45 pelo sexo feminino.

Os resultados obtidos referente à influência que a escolarização exerce sobre nosso objeto de estudo, merece destaque, pois, foi fator determinante para a redução dos casos de monotongação, isso se deve ao fato de que os falantes que tem um nível de escolaridade maior tende a usar mais a forma padrão, que os menos escolarizados (LABOV, 1981).

Quanto às palavras, pronúncia, anúncio e colégio, embora não possua o mesmo grau de percepção das outras estudadas, as consideramos no nosso trabalho, pois podem assumir formas desprestigiadas na oralidade, encontramos poucos casos de variação dessas palavras na escrita, tendo ocorrido algumas nas séries iniciais, o que nos leva a considerar que sua variabilidade prevalece no ato da fala.

Por fim, nosso trabalho nos revelou aspectos importantes quanto ao fenômeno da monotongação na escrita, ficando a expectativa de servir de apoio bibliográfico para próximos estudos desenvolvidos na escrita uma vez que até o momento os estudos referentes a esse fenômeno prevalecem na oralidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

BISOL, Leda. *O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual*. Rio Grande do Sul: D.E.L.T.A. v. 5, 1989.

_____. *Ditongos Derivados*. D.E.L.T.A., vol. 10, nº especial, pp. 123-140, 1994.

_____. Org. *Introdução a Estudos de Fonologia Brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2001.

BAGNO, Marcos *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

CABREIRA, Sílvio Henrique. *A monotongação dos Ditongos Orais Decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

CAGLIARI, L.C. *Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática: com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002. (coleção idéias sobre linguagem).

CARVALHO, S. C. de. *O apagamento dos ditongos decrescentes orais em falares do Recife*. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

COLLISCHONN, G. *A sílaba em português*. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual: Introdução*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GERALDI, João Wanderley. *A linguística e o Ensino da língua materna*. In: o texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1985.

GERALDI, João. Wanderley. (Org.) *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HORA, da Dermeval (org.). *Estudos Sociolinguísticos: Perfil de uma Comunidade*. João Pessoa: UFPB/BC, 2004.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: Atividades de retextualização*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MENEGHINI, F. M. *O Fenômeno da Monotongação em Ibiacá*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: 1983.

PAIVA, M. C.A. de. *Supressão das Semivogais nos Ditongos Decrescentes*. In: OLIVEIRA, Giselle M. de. E SCHERE, S. M. *Padrões Sociolinguísticos*. Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

_____. *A variação gênero/ sexo*. In: MOLLICA, M.C. BRAGA, M. L. *Introdução á sociolinguística variacionista: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. B. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Fabiana de Souza. *O processo de monotongação em João Pessoa*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1997.

_____ O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, Dermeval da. *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Pallotti, 2004. P. 29-43.

SIMÕES, Darcila. *Considerações Sobre a Fala e Escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.

ANEXOS

Frases utilizadas no ditado.

1. Minha mãe foi à feira comprar ameixa.
2. Os homens escutavam a pronúncia do presidente muito pouco.
3. O dinheiro estava pouco para comprar queijo.
4. O anúncio da loja era referente a um cordão de ouro.
5. Prefiro comer peixe à carne de carneiro.
6. Seu João marcou com as letras iniciais de seu nome o couro do touro.
7. Maria não conseguia atravessar a faixa de pedestre, porque o trânsito estava intenso.
8. O colégio fica na rua de baixo.
9. Os besouros estragaram as lavouras.
10. Joana trouxe a caixa cheia de bombons.